

Católicos e a comunicação eletrônica: os meios de comunicação através de periódicos católicos (1985 a 1995)

Eduardo de Campos Lima *

Resumo: Esta comunicação trata de reflexões preliminares do debate católico sobre o uso dos meios de comunicação pela Igreja brasileira. Reflexões que integram minha pesquisa de mestrado, cujo objetivo é o estudo histórico das relações encetadas no interior dos campos religioso, político e midiático que possibilitaram a formação da Redevidada de Televisão. Nesta direção, busca-se entender e compreender historicamente, por meio da análise da Revista Eclesiástica Brasileira e da revista católica Família Cristã, as proximidades e os distanciamentos que teólogos, membros da hierarquia, integrantes do clero e leigos católicos apresentaram no interior do debate acerca da atuação da Igreja brasileira no campo da comunicação social, em geral, e do campo televisivo, particularmente. Debate que nacionalmente se desenrolou dentro de um quadro político pautado pelo processo de redemocratização e num contexto midiático-religioso marcado pelo avanço das igrejas evangélicas. Ademais, o debate se desenrolaria durante o pontificado de João Paulo II, o qual embora procurasse incentivar mais intensamente o uso dos meios de comunicação social como arma para potencializar a evangelização católica, não economizava esforços para suprimir ações progressistas de várias ordens religiosas e de intelectuais católicos.

Palavras-chave: Redevidada de Televisão. Comunicação social católica. Igreja católica brasileira

Abstracts: This communication deals with preliminary thoughts about the Catholic debate occupied with the use of social media by the Brazilian Catholic Church and its activities in the media. Such reflections integrate my research Master, whose purpose is to study the history of relations within opened religious, political, and media the fields and the intersection of these fields with regard to possibilities for the formation of the first Brazilian TV network of Catholic orientation: Redevidada de Televisão. In this context we identify, throw two major Brazilian Catholic magazines, REB (Revista Eclesiástica Brasileira – Brazilian Ecclesiastical Magazine) and Família Cristã (Christian Family), elements to understand how theologians and laities are positioned on the communication electronic media, particularly television. This without losing the political context of policy reopening and preparation of the Magna Carta of 1988, which mobilized a good portion of Catholic leaders in discussions on communication that would be integrated to the Constitution. Also, taking into account that in this case, the pontificate of John Paul II while seeking to encourage in a more intensive way the use of media as a weapon to empower the Catholic evangelization, not saved efforts to remove progressive actions from various religious orders and from intellectuals Catholics.

Keywords: Redevidada de Televisão. Catholic social media. Brazilian catholic Church.

No final dos anos 70, os meios de comunicação social no Brasil sofriram o peso da Doutrina de Segurança Nacional. Não foi diferente com os meios católicos, sobretudo aqueles ligados aos movimentos populares e da ala progressista da Igreja. Apesar do endurecimento

* Universidade Estadual Paulista. UNESP/Assis. Mestrando em História. Bolsista FAPESP.

do regime, surgiam vários polos de resistência através de imprensa alternativa e eclesiástica. “Sofrendo em sua própria pele o cerceamento à liberdade, a Igreja passa a defendê-la” (SOARES, 1988:271). Leigos e intelectuais que participavam dos debates sobre o uso dos meios para a evangelização não mediam esforços em promover eventos e seminários para a discussão de temas relacionados à liberdade de imprensa. O período caracterizava-se por uma forte oposição ao regime, feita por algumas das principais lideranças católicas brasileiras e por intelectuais ligados ao mundo acadêmico.

Nesse sentido, os meios de comunicação católicos eram imprescindíveis para a tarefa evangelizadora. Dentro da intelectualidade católica tentava-se produzir conhecimento e táticas de ação, através de documentos elaborados por entidades de jornalistas católicos, comunicadores latino-americanos ou mesmo pelos meios de comunicação popular; propostas que iam desde a intervenção no campo da pesquisa e sobre o ensino nos meios de comunicação até a identificação das formas de expandir a informação aos meios eletrônicos de uma forma mais eficiente. Esses agentes eram formados basicamente por uma parcela de pensadores ligados à Pastoral da Comunicação, bispos e leigos da igreja que escreviam e participavam de programas ou possuíam algum tipo de trabalho de evangelização em suas dioceses, e por integrantes da UCBC (União Cristã Brasileira de Comunicação Social). Apesar de já contar com a experiência do rádio desde meados do século XX, o meio que esses agentes mais utilizavam para expressão das ideias eram as revistas católicas. As principais editoras católicas, a Loyola, a Vozes, a Paulinas e a Paulus, juntas produziam mais de 5 milhões de exemplares ao ano (BELTRAMI, 1996), incluindo livros. Abordaremos aqui duas importantes revistas, a FC (Família Cristã), da Editora Paulinas, e a REB (Revista Eclesiástica Brasileira), da Editora Vozes.

A FC, uma revista mensal, caracteriza-se pela sua vocação de evangelização para a família, apresentando-se nos moldes de uma revista comercial, com manchetes bem destacadas, amplos espaços comerciais e bem editados, painel do leitor, colunas fixas e participações especiais. Geralmente, as matérias são abordadas por especialistas como, por exemplo, a entrevista com um sociólogo para saber sobre o aumento da criminalidade, ou com um médico para saber sobre a saúde familiar. Seus assinantes, via de regra são integrantes da igreja e por esse motivo tais revistas podem ser encontradas em diversos lares católicos. Já no caso da REB, trata-se de um periódico trimestral, com um público voltado aos teólogos, comunidade eclesial e pensadores católicos. Os articulistas geralmente estão ligados a alguma instituição educacional, seminários e clero regular. Por sua especificidade, a revista pode ser encontrada nas bibliotecas das dioceses, universidades ou junto a membros do clero.

Apesar de ter um público cativo e específico, ambos os periódicos supracitados não escapam às adversidades que toda publicação religiosa deve encontrar. Segundo D. Romeu (ALBERTI, 1984:125), o primeiro desafio desse tipo de revista é querer ser cristã: “querer nos parecer que a revista cristã é uma revista que se propõe a existir e agir dentro de uma visão cristã do universo, do homem, da História e de Deus”. Ele também alerta para o tipo de público - área teológica, litúrgica ou de trabalhos missionários - e para a identificação do leitor com o órgão que produz as revistas. Outra preocupação de D. Romeu é a relação da Igreja com o mundo e de que forma o conteúdo será transmitido, chamando a atenção para o diálogo sobre temas conflitantes. Ele destaca também a visão de igreja, o comprometimento da revista com a estrutura hierárquica, o benefício de se ter inúmeras revistas católicas e o questionamento sobre a concorrência entre elas. Ainda sobre as dificuldades encontradas pelas revistas católicas, o Frei Bernardo (CANSI, 1988:924) salienta a dificuldade das publicações católicas, com exceção da bíblia, em alcançar outros setores fora da classe média e nos lugares distantes dos grandes centros.

Na prática, entre os anos 1985 e 1995, as duas revistas estamparam com bastante destaque em suas páginas os principais temas que caracterizaram o período. Nesse âmbito, destacam-se opiniões sobre o governo Sarney e seus pacotes econômicos, o processo constituinte, as eleições municipais de 1987 e presidenciais em 1989, o governo Collor e os desdobramentos de sua queda, o plebiscito entre parlamentarismo/presidencialismo, além das diversas ações católicas no Brasil e no mundo, como as campanhas da Fraternidade, as mudanças de comando da CNBB (Confederação Nacional dos Bispos do Brasil), o engajamento de padres nos processos eleitorais. Entretanto, sem dúvida o assunto que mais se viu foram as questões ligadas à Teologia da Libertação e o posicionamento de seus pensadores. Na REB, por exemplo, durante boa parte dos anos 80, Leonardo Boff foi seu editor chefe, e mesmo depois de seu desligamento, em meados da década de 80, Clodovis Boff e outros autores ligados ao tema ainda escreviam em suas páginas. Na revista FC não foi diferente, setores ligados à esquerda católica também participavam como, por exemplo, Plínio Sampaio, além de D. Luciano Mendes de Almeida, este último um bispo muito próximo a D. Paulo Evaristo Arns, estandarte da ala progressista católica.

O que nos interessa especificamente nesse período de publicações são os assuntos ligados aos meios de comunicação de massa. Ao elencar os temas a serem analisados, identificamos que as trajetórias de muitos autores aproximavam-se, principalmente em alguns foros privilegiados para a produção e debate sobre os meios, como publicações da UCBC (União Cristã Brasileira de Comunicação Social) ou mesmo pela INTERCOM (Sociedade

Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). Na revista FC, podemos destacar nomes como Joana Puntel, editora chefe da revista por muitos anos, acadêmica da área de comunicação, autora de diversas obras sobre comunicação e igreja; Cláudio Neotti, um estudioso da teologia e da comunicação; Noemi Dariva, editora chefe pós-Puntel. Na REB, destacamos Pedro Gilberto Gomes e padre Bernardo Cansi.

Um dos temas mais relevantes tratados nos periódicos foi a Democratização dos Meios de Comunicação. Palavras como fundamental e imprescindível à liberdade eram muito utilizadas nos diversos artigos, denunciando a falta de acesso aos meios: “No Brasil de hoje, os grandes Meios de Comunicação Social, os MCS, também chamados de ‘grande imprensa’: constituem poderoso oligopólio. Estão quase todos concentrados nas mãos de seis famílias [...]” (DEMOCRATIZAR..., 1993:695). Esse tema foi muito explorado de 1986 a 1988, principalmente por ocasião do debate nacional da redemocratização e pela elaboração da nova Constituinte. Na edição de novembro de 1986, a FC traz uma matéria intitulada *Democracia também para os meios de comunicação*, atentando para a importância da nova Carta e para a possibilidade de uma maior liberdade nos meios. Nesse sentido, a revista coloca-se como um fórum de debates, chamando especialistas para isso como, por exemplo, os jornalistas Fábio Comparato e Perseu Abramo. Ainda sobre a posse restrita dos meios, as revistas traziam resultados de fóruns de comunicadores que debatiam o sistema de concessão de TV (CONDENADO..., 1987:10); discussões sobre maior viabilidade de expandir o acesso aos meios de comunicação, (GIANNELLA JÚNIOR, 1987:56-57); a extensão dos meios às classes menos favorecidas, para que não sejam impostos somente valores considerados “de elite” ou interesses particulares de grandes grupos (GIANNELLA JÚNIOR, 1986a:48-49; 1986b:48-49; 1987:52-54), além de homogeneizar as diferenças culturais (GIANNELLA JÚNIOR, 1987:40-41): “O empenho com a inculturação do evangelho na complexa situação da cidade e a maior presença da Igreja nos meios de comunicação de massa, lutando para que esses meios sejam serviços socializados em prol do povo, e não objeto de monopólios”. (A MISSÃO..., 1993:28). Outros textos destacam a importância da igreja em contribuir para melhorar a qualidade das informações, seja através do avanço das experiências bem sucedidas, ou mesmo reivindicando um espaço permanente no sistema de concessões de rádio e TV. (A COMUNICAÇÃO..., 1988:459).

Inúmeras também foram as matérias sobre como o cristão deveria se comportar diante dos meios e agir, se necessário. Em geral, elas chamam a atenção para que o fiel não seja somente um receptor, aceitando qualquer tipo de informação. Para isso, a igreja contaria com

serviços prestados pelos agentes de comunicação que poderiam colaborar com subsídios (OLHO..., 1986:48-49; NEOTI, 1988; ANÚNCIO..., 1988:729-731).

Formar no povo o espírito crítico em relação aos MCS, através de cursos de leitura crítica, especialmente para adolescentes e jovens, por meio de telefóruns, comentários de programas e artigos, uso de vídeos, campanhas de cartas e telegramas de apoio ou denúncia. E isso até nos sermões. (CONTRIBUIÇÃO..., 1992: 660).

Eduardo Bezerra Neto, em um artigo intitulado *A família diante da televisão*, fornece informações de como usar o senso crítico e ajudar as crianças a despertá-lo:

Quando, entretanto, se menciona explicitamente o senso crítico, a expressão costuma ser aplicada ao julgamento de situações pessoais ou sociais complexas, o que somente é possível em etapa da vida em que a percepção da realidade é mais clara. Ocorre, porém que não se pode julgar com propriedade situações complexas se antes não se aprendeu a julgar situações simples. Daí por que a evolução natural do senso crítico deve ser estimulada e orientada pelos pais, em relação aos filhos. Não se trata de projetar neles os seus próprios valores, mas de ensiná-los a pensar, avaliar, decidir e agir com a coerência. (BEZERRA NETO, 1987:28-29).

E continua com o exercício prático: “O ponto de partida é sempre uma pergunta semelhante a: o que vocês acham disso que a gente acabou de ver?” (BEZERRA NETO, 1987:28-29).

Alguns artigos faziam menção de como a teologia e os meios de comunicação estavam ligados por um cordão umbilical e afirmavam que o teólogo e o catequista eram os responsáveis por essa questão (CANSI, 1988:916-924. Segundo José Comblin, em artigo publicado na edição de março de 1985 na REB, as principais funções do teólogo no campo comunicacional são: primeiramente, o pesquisador deve conhecer o mundo, dialogar e direcionar a ação dos comandados, expandir seu conhecimento além do povo já cristianizado, dialogar, conhecer o mundo e direcionar para que o ensinamento seja colocado em prática, despertar através da teologia o interesse, a inquietação; ele ainda chama a atenção para que “a teologia pertence à comunicação. A sua missão é comunicar”.

Quando alguns assuntos mais polêmicos ganhavam espaço na mídia nacional, os católicos não se furtavam de debater. As novelas, principalmente, eram alvo de críticas (frequentemente publicadas) por parte dos católicos. A violência gratuita nos noticiários e em filmes também era muito criticada. Publicações de bispos nos principais meios de comunicações do país eram reproduzidas pelas revistas católicas:

[...] Dom Lucas acusa a televisão de descumprir as funções que lhe cabem por concessão governamental; ministrar aos telespectadores doses brutais de violência e pornografia; sistematicamente imbecilizar o povo, criando uma ‘geração de debiloides’; fazer uma campanha demolidora dos mais sagrados valores, sem o

mínimo respeito pela família, a escola, a religião; induzir nos telespectadores uma 'concepção totalmente aética da vida' [...]. (NEVES, 1993:205).

Ainda em 1993, Dom Serafim Fernandes de Araujo, então Arcebispo de Belo Horizonte, acrescentava: “De modo especial os MCS (Meios de Comunicação Social) devem subordinar-se aos imperativos de uma informação verdadeira, com uma diversão sadia, e com a educação do povo”. Ele acrescenta ainda: “A televisão, em particular, tem pesada responsabilidade e severas contas a prestar ao país, por sua ativa participação no processo de dissolução dos valores morais e de acelerada deterioração das normas que regem um sadio convívio social” (ARAUJO, 1993:938). Porém, é reconhecido que os meios possam contribuir para a diminuição de todos os tipos de violência que assolam a sociedade. José Geraldo Vidigal de Carvalho, Cônego de Mariana (MG) escreveu sobre isso, em dezembro de 1987, na REB:

Não adianta, porém, tomar uma atitude negativa de se fazer uma campanha sistemática contra o mass media. É necessário, isto sim, alertar e oferecer meios para que contradições e a peçonha dos programas sejam pinçadas. O conteúdo programático deve ser analisado em grupos de reflexão. Nas Universidades, nas reuniões de associações religiosas, nos clubes, enfim, onde se sente o impacto dos jornais, das revistas, do cinema, do rádio, da televisão se deve aguçar a capacidade de desmitificar o discurso apresentado. (CARVALHO, 1993: 924).

As revistas também publicavam projetos e experiências das comunidades católicas e o uso dos meios de comunicação. Destacam-se dois projetos de emissão radiofônica em área rural, um deles de 1985, em Petrolina, sertão pernambucano. A emissora divulgava projetos da diocese de Petrolina, incentivando a população rural a escrever e noticiar as principais informações da região. Através do rádio, as comunidades trocavam experiências e faziam reivindicações em conjunto, além de programas educativos e religiosos, sempre com o apoio da diocese (MOURA, 1985:561-577; SILVA, 1986: 26-27). Outro caso é o projeto executado pelo Centro de Comunicações e Educação Popular São Miguel Paulista, que publicava um jornal mensal intitulado *Grita Povo* e experiências radiofônicas com sistema de som e alguns toca discos e microfones que eram levadas até comunidades carentes (GIANNELLA JUNIOR, 1987:56).

O ano de 1989 foi importante para os movimentos católicos ligados aos MCS. A tradicional Campanha da Fraternidade trouxe o tema Comunicação para o debate. As revistas católicas intensificaram seus artigos e mencionaram em muitos deles a relevância dos meios para a Igreja. Esse contexto também foi útil para a manifestação e divulgação de trabalhos através de uma Campanha que, em virtude de sua grande abrangência, envolvia não apenas a Pastoral da Comunicação. Além disso, a mensagem do Papa também foi mais divulgada, por

ocasião do Dia Mundial das Comunicações que ocorre geralmente em maio de todo ano. Entretanto, a diretriz ver/julgar/agir não foi muito superada em grande parte dos artigos nas revistas católicas em questão.

A criação de uma rede católica de televisão sempre foi objetivo para a Igreja no Brasil. Seria a Redevida de Televisão, a partir de 1995, a realização desse projeto? A criação do INBRAC (Instituto Brasileiro de Comunicação Cristã), em 1992, e a divulgação de suas propostas em Itaici, durante a Assembleia geral dos Bispos do Brasil, já seria motivo para inúmeras manifestações por parte dos pensadores católicos sobre comunicação. A emissora entrou no ar, em 1995, e até esse momento não se identificam na REB artigos contundentes sobre o fato. Na FC, em 1994, publica-se uma entrevista com o presidente do INBRAC, Dom Antonio Maria Mucciolo, e informações sobre a localidade e a diretriz da programação (REDE..., 1995:16-19). Porém, para alguns leitores que se expressavam através da coluna Opinião do Leitor, a separação institucional entre a emissora e a Igreja não era bem clara. O fato de ter um bispo na presidência do órgão mantenedor não significa que a emissora seria propriedade da Igreja, e nem a televisão se propôs a isso.

Que notícia agradável e oportuna sobre a Rede Vida (sic) de Televisão, na edição de agosto! Finalmente teremos uma emissora católica no Brasil, trazendo para nossos filhos, conteúdos de valor moral e cristão! Hoje, não tenho prazer de ver televisão, pois é uma escola de maus princípios e indução à vida libertina. Sofro em ver meus filhos vendo e assimilando o avesso da vida que agrada a Deus. Espero que o espaço para a TV católica seja tão bem preenchido, como a Família Cristã o faz na comunicação escrita". (SILVA, 1994: 4).

Entender de que forma os católicos posicionavam-se sobre o tema Comunicação Social é parte do esforço para entender a evolução do uso dos meios. Seja para evangelizar, para denunciar, para lutar por mais liberdade ou para difundir valores e dogmas, as revistas católicas são imprescindíveis para esse esforço de entendimento. Nelas podemos enxergar um pouco de como se relacionavam os pensadores católicos e seu público. No caso dos meios de comunicação eletrônicos, podemos fazer um paralelo entre o que se pretendia e o que foi feito. A experiência do rádio foi eficaz na maior parte do século XX, mas, sem dúvida o grande objeto de desejo, por sua penetração e difusão, é a televisão. Conseguir criar uma TV católica vai além das diretrizes de Roma, de fatores litúrgicos e teológicos, de como agir diante da telinha, de campanhas que promovam os meios e de pensamentos refletidos em fóruns de jornalistas cristãos. A solução passa pela legislação brasileira de concessões públicas e pela representatividade no Congresso Nacional. Se tudo isso for feito, ainda temos as diferentes correntes ideológicas dentro da instituição católica e sua relativa autonomia. Não

é à toa que o mesmo distanciamento editorial encontrado em alguns periódicos católicos reflita-se nas emissoras de TV de inspiração católica, como a Redevida, a Canção Nova e a TV Aparecida.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, R. Desafios enfrentados pelas revistas cristãs. In: SOARES, I. O.; PUNTEL, J. T. (Org.). **Comunicação Igreja e Estado na América Latina**. São Paulo: Paulinas, UCBC, 1984.

ANÚNCIO do evangelho na TV: desafio à Igreja. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, Vozes, v. 48, n. 191, p. 729-731, set. 1988.

ARAUJO, S. F. Dom Serafim pede à TV mais respeito ao sagrado. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, Vozes, v. 53, p. 938-939, dez. 1993.

BELTRAMI, A. **Como falar com os meios de comunicação da Igreja**: Vicariato da Comunicação – Arquidiocese de São Paulo. Petrópolis: Vozes, 1996.

BEZERRA NETO, E. A família diante da televisão. **Família Cristã**, São Paulo, Paulinas, v. 54, n. 624, p. 28-29, dez. 1987.

CANSI, B. Comunicação e educação da fé. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, Vozes, v. 48, n. 192, p. 916-924, dez. 1988.

CARVALHO, J. G. V. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, Vozes, v. 47, n. 188, p. 922-925, dez. 1987.

A COMUNICAÇÃO frente aos desafios da sociedade contemporânea. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, Vozes, v. 48, n. 190, p. 459, jun. 1988.

CONDENADO o sistema de concessões de rádio e tevê. **Família Cristã**, São Paulo, Paulinas, v. 54, n. 624, p. 10, dez. 1987.

CONTRIBUIÇÃO para a IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano (subsídios aos delegados brasileiros a Santo Domingo). **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, Vozes, n. 463, p. 661-663, jun. 1992.

DEMOCRATIZAR os MCS: luta fundamental para os trabalhadores. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, Vozes, v. 53, p. 695-697, set. 1993.

GIANNELLA JÚNIOR, F. A informação sob o crivo do poder. **Família Cristã**, São Paulo, Paulinas, v. 52, n. 610, p. 48-49, out. 1986a.

_____. O jovem e a telenovela: um contato cada vez mais íntimo. **Família Cristã**, São Paulo, Paulinas, v. 54, n. 617, p. 52- 65, mai.1987.

_____. Persiste o autoritarismo na comunicação. **Família Cristã**, São Paulo, Paulinas, v. 54, n. 620, p. 56-57, jul. 1987.

_____. O povo cria canais próprios para se comunicar. **Família Cristã**, São Paulo, Paulinas, v. 53, n. 620, p. 56-57, ago. 1987.

_____. Todos os homens são iguais perante a tevê. **Família Cristã**, São Paulo, Paulinas, v. 53, n. 619, p. 40-41, jun. 1987.

_____. Os vilões do vídeo. **Família Cristã**, São Paulo, Paulinas, v. 52, n. 609, p. 48-49, set. 1986b.

A MISSÃO dos organismo de Igreja. **Família Cristã**, São Paulo, Paulinas, v. 59, n. 695, p. 28, nov. 1993

MOURA, A. Análise de uma experiência educativa com uso do rádio. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 45, n. 179, p. 561-577, set. 1985.

MUCIOLO, A. M. Nova rede de TV valoriza a vida. **Família Cristã**, São Paulo, Paulinas, v. 60, n. 704, p. 6-8, ago. 1994. Entrevista concedida à Família Cristã.

NEOTI, C. Política de comunicação e Igreja na América Latina. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, Vozes, v. 48. n. 191, p. 677-682, set. 1988.

NEVES, L. M. O Cardeal e sua guerra santa. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, Vozes, v. 53, p. 205, jun. 1993.

OLHO vivo na comunicação. **Família Cristã**, São Paulo, Paulinas, v. 52, n. 603, p. 48-49, mar. 1986.

REDE Vida dá os primeiros passos. **Família Cristã**, São Paulo, Paulinas, v. 61, n.715, p. 16-19, jul. 1995.

SILVA, M. C. TV vida. **Família Cristã**, São Paulo, Paulinas, v. 60, n. 708, p. 4, dez. 1994. Opinião do Leitor.

SILVA, M. G. Emissora rural alavanca na luta do povo. **Família Cristã**, São Paulo, Paulinas, v. 52, n. 601, p. 26-27, jan. 1986.

SOARES, I.O. **Do santo ofício à libertação**: o discurso e a prática do Vaticano e da Igreja Católica no Brasil sobre a comunicação social. São Paulo: Paulinas, 1988.